

**“O GRANDE DITADOR”: UMA LEITURA DISCURSIVA
DO ÚLTIMO DISCURSO DE CHAPLIN**

Josiane Rangel da Silva Calvis (UEMS)

josianerangel.calvis@gmail.com

Aline Saddi Chaves (UEMS)

alinechaves@uems.br

RESUMO

O presente artigo tem por objeto a análise discursiva do filme “O Grande Ditador” (1940), em particular, “O último discurso”, da personagem Carlitos, interpretado pelo autor e diretor Charles Spencer Chaplin, sendo este conhecido por tecer críticas à sociedade de sua época, utilizando-se de sátiras e da subjetividade do cinema em seus filmes. O filme em questão teve sua estreia oficial em 15 de outubro de 1940, sendo considerado umas das obras-primas de Chaplin e indicado a cinco categorias do Oscar. A obra é uma crítica aos regimes nazista e fascista de Adolf Hitler e Benito Mussolini, durante a Segunda Guerra Mundial. Com base no suporte teórico da Análise do discurso de linha francesa, a partir de autores como Michel Pêcheux e Eni Orlandi, buscamos compreender e relacionar o discurso de Chaplin ao momento histórico das guerras do ocidente no século XX, mais especificamente, os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial e a ideologia nazista de Hitler e seus apoiadores.

Palavras-chave:

Charles Chaplin. Análise do Discurso. “O Grande Ditador”.

ABSTRACT

The aim of this paper is to present a discourse analysis about the movie “The Great dictator” (1940), specifically “The last discourse” of the character Carlitos, who is performed by the author and director, Charles Spencer Chaplin, known for criticizing the society from his epoque, using cinema’s satire and subjectivities on his own movies. The movie in question had its official premiere on October 15th of 1940, being considered one of the masterpieces of Charles Chaplin which was nominated for five Oscar categories. The production is criticism about the Nazi and Facist regime of Adolf Hitler and Benito Mussolini during the Second World War. Based on theoretical support of Discourse Analysis of French line from the authors Michel Pêcheux and Eni P. Orlandi, we aim to comprehend and relate Chaplin’s discourse with the historical moment of West’s wars in the 20th century, more specifically, the occurrence of the Second World War and the ideologies used by Hitler and his supporters.

Keywords:

Charles Chaplin. Discourse analysis. “The Great Dictator”.

1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo realizar uma análise discursiva de “O último discurso”, do filme “O Grande Ditador”, de Charles

Chaplin, produzido na década de 1940. A análise é feita buscando resgatar os sentidos históricos e ideológicos desta materialidade, por meio de suas condições de produção, em particular o momento histórico da Segunda Guerra Mundial. Ao fazê-la, identificaremos as ideologias materializadas no trecho proposto e analisaremos as diferentes formações discursivas, buscando compreender como esse discurso produz sentido na história.

O filme “O Grande Ditador” foi escrito e dirigido por Charles Spencer Chaplin, levando cerca de dois anos de trabalho para enfim ter sua *première* em 15 de outubro de 1940. Roteirizado em um tempo de guerra, onde os meios de comunicação foram fortemente usados com viés ideológico para que os regimes ganhassem notoriedade, enaltecimento, expansão e consolidação, Chaplin utilizou-se de seu prestígio e de seu carisma já conhecido para criar um filme antinazista, e assim transmitir uma mensagem política ao mundo, criticando, satirizando e repudiando as condutas ditatoriais de Adolf Hitler e seus defensores.

Ator e diretor, Charles Chaplin utilizava o humor em seus filmes para fazer críticas ao capitalismo industrial e às injustiças da sociedade do início do século XX, baseada no dinheiro e no status social. Apesar de o mundo cinematográfico calar-se diante das opressões e perseguições sofridas pelos judeus após a ascensão de Hitler ao poder, Charles Chaplin não se emudeceu e, mesmo sofrendo várias ameaças, foi o primeiro na área do cinema a denunciar os atos nazistas. Para isso, chegou a desembolsar cerca de dois milhões de dólares e contou com o apoio do presidente Roosevelt, que lhe atestou proteção e pediu que terminasse as filmagens de “O Grande Ditador”.

Partindo deste ponto, teremos como objeto de análise um texto artístico, a saber, “O último discurso”, correspondente ao trecho final do filme, em que a personagem Carlitos, interpretado por Chaplin, profere um discurso pacifista empunhado de emoção, deixando assim por um momento o lado cômico que lhe era tão característico. Além de analisarmos este texto com base em sua construção de sentido, em grande parte caracterizada pela dualidade de termos e valores semânticos atualizados, bem como a comparação entre o disfórico e eufórico, buscaremos compreender, ainda, como o texto dialoga e se relaciona com suas condições de produção, a saber, o contexto histórico da Segunda Guerra Mundial.

Para tal, vamos nos valer do aparelho conceitual da Análise do Discurso de perspectiva francesa, a partir de teóricos como Michel Pê-

cheux (1990) e Eni Orlandi (2001), para trazer luz às questões de memória discursiva, condições de produção, construção de sentidos e ideologia, noções que se atualizam no texto que compõe o *corpus*. Além desta fundamentação teórica, serão exibidos fatos e relatos da Segunda Guerra Mundial, com o intuito de contextualizar o momento histórico da época, trazendo a compreensão do discurso apresentado e dos motivos pelos quais ele carrega consigo esta carga socioideológica e a crítica social ao período que aqui será exposto.

Considerando que a análise do discurso é uma disciplina que tem como objeto de estudo o discurso, ou seja, a relação entre a língua, o sujeito e a ideologia, daremos atenção a uma materialidade discursiva produzida em um momento tenso da história do mundo e carregada de ideologia. Para tanto, entende-se que os fatos que aconteceram durante este período remetem à memória social, histórica, e também discursiva, já que até os dias de hoje, tais fatos continuam a produzir seus sentidos e a tocar a humanidade de maneira profunda. O intuito é analisar o texto de forma a construir sentidos por meio da relação que ele exerce entre a língua, o sujeito e a história, levando-nos a enxergar esta materialidade para além das evidências linguísticas.

Para a coleta do *corpus* da pesquisa, transcrevemos “O último discurso”, reproduzido no filme “O Grande Ditador”, o qual será analisado com base no referencial teórico da análise do discurso de linha francesa. Também compõem o *corpus* da pesquisa alguns relatos dos fatos do período da Segunda Guerra Mundial, com o intuito de enriquecer e contextualizar o objeto da pesquisa.

2. *Embasamento teórico: Análise do discurso de linha francesa*

Este estudo se fundamenta na Análise do Discurso (AD) de filiação francesa, a qual teve seus primeiros passos em 1969 na França, com o filósofo especializado em estudos sobre psicologia social, Michel Pêcheux, e um grupo de linguistas, dentre os quais Jean Dubois. Na Análise do Discurso, investiga-se a produção dos sentidos nos textos, por meio da relação entre língua, sujeito e ideologia, considerando-se determinadas condições de produção. Com essa forma de análise, é possível observar os processos de construção de sentido do discurso, pois, com base em Orlandi (2001), a Análise do Discurso (AD) é a ciência da interpretação, já que é impossível não interpretar, pois nós, como seres históricos, simbólicos e sociais que somos, sentimos necessidade de elucidar e atribuir

sentido diante de qualquer prática de linguagem (Cf. ORLANDI, 2001). Ao buscarmos construir sentido no discurso, passamos a significar a nós mesmos com os sentidos que foram construídos por outros sujeitos sociais ao longo da história.

Com relação ao conceito de “discurso”, Orlandi diz que o discurso veicula a ideia de movimento, assim, o mesmo enunciado pode ter significações distintas, pois a percepção do sujeito que o analisa mudará conforme seu posicionamento social e histórico, condizendo com o momento político em que vive (Cf. ORLANDI, 2001). Entende-se que, por mais que o texto tente ser claro e utilize os recursos linguísticos disponíveis no sistema da língua, sempre haverá o não dito, uma incompletude em si mesmo, por isso, é essencial que o sujeito diante dele, seja capaz de lhe atribuir sentido. Como explica esta autora:

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2007, p. 15)

Ao estudar a manifestação da linguagem, o analista de discurso busca compreender seu funcionamento real nos textos, relacionando as palavras às condições de produção do discurso, que dizem respeito tanto ao contexto imediato, quanto ao contexto histórico e ideológico da produção. Ao reagir a qualquer tipo de texto, buscamos lhe atribuir sentido a partir da nossa vivência de mundo, de tudo aquilo que já lemos e ouvimos. Mas este gesto interpretativo (Cf. ORLANDI, 2001) não é individual, a não ser coletivo. Com efeito, ao lermos/ouvirmos um texto, mobilizamos uma memória discursiva, ou seja, tudo aquilo que já foi falando antes, em outro tempo, em outro lugar e independentemente de nós. Os sentidos dos textos não nascem do zero, eles partem de sentidos, de dizeres já ditos, que foram produzidos na sociedade e continuam circulando em novas condições de produção, imediatas, mas sempre carregados de uma historicidade.

Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi, linguista, pesquisadora e professora, é pioneira da AD no Brasil e uma das principais estudiosas da área. Orlandi considera o texto como unidade de análise, trazendo para a reflexão a ideologia e sua manifestação na língua/linguagem. Citando Pêcheux, ela afirma que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (ORLANDI, 2001). Por meio da Análise do

Discurso, passamos a estabelecer, com as materialidades discursivas produzidas na sociedade e no decorrer da história, uma escuta mais atenta e apta a compreender os diversos objetos de conhecimento mediados pela língua/linguagem. De acordo com a linguista, o discurso só pode ser compreendido quando é relacionado às suas condições de produção, pois ele é sujeito à história e à memória. Para a AD, a memória discursiva é tratada como interdiscurso, ou seja, são os dizeres que já foram ditos de alguma outra forma e em outro tempo, mas que retornam em forma de saberes pré-construídos em novos discursos. Segundo Orlandi (2001, p. 31), “chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré construído [*sic*]”.

Com essas reflexões sobre a concepção teórica da língua/linguagem pela Análise do Discurso Francesa, abordamos a seguir as condições de produção do filme a ser analisado.

3. As condições de produção do filme “O Grande Ditador”

Lançado em 1940, o filme “O Grande Ditador” (“The Great Dictator”) é uma das obras mais importantes e bem-sucedidas de Charles Chaplin. No entanto, apesar de todo o sucesso adquirido, não foi uma produção fácil de ser realizada. Houve grande polêmica em torno do filme e o cineasta chegou a sofrer ameaças para que as gravações fossem suspensas. Foram necessárias medidas protetivas para garantir a segurança de Chaplin e, assim, garantir que o filme tivesse sua estreia. Segundo Chaplin:

Durante a produção de O grande ditador, comecei a receber cartas malucas e o número delas foi crescendo quando o filme ficou pronto. Alguns dos seus autores ameaçavam atirar bombinhas malcheirosas nos cinemas e cortar a tela onde quer que a película fosse exibida; outros prometiam provocar distúrbios. A princípio cogitei de avisar a polícia, mas o noticiário a respeito afastaria os espectadores. (CHAPLIN, 2012 [1964], p. 437)

No filme “O Grande Ditador”, o cineasta satiriza o que se passava nos países da Europa durante a Segunda Guerra Mundial, veiculando uma crítica veemente aos governos nazistas e fascistas. Apesar das críticas sociais serem uma característica comum nas obras de Chaplin, foi um ato de audaciosa coragem criticar de maneira tão explícita os atos de Adolf Hitler. Note-se que tal postura não era comum na época, já que o ditador nazista era munido de poderes políticos e gerava medo na população e em seus governantes.

No filme, Charles Chaplin interpreta dois personagens: o barbeiro judeu que fora soldado da Tomânia, cidade fictícia que faz referência à Alemanha, e o ditador Adenoid Hynkel, versão satírica de Hitler. Após lutar na Primeira Guerra Mundial, o barbeiro judeu se acidenta e fica internado por anos em um hospital do Exército, até o surgimento e a dominação de Hynkel. Inicialmente não entendendo o tratamento antissemítico dispensado aos judeus e nem tendo noção do avanço e crescimento do poder do ditador, ele se une a Hannah, sua vizinha no gueto, por quem irá se apaixonar, e começa a praticar atos, que aos olhos dos nazistas, são rebeldes, até que é preso e levado a um campo de concentração. Aproximando-se do fim da trama, o barbeiro consegue fugir e é confundido com Hynkel, com quem se parece muito. Um dos elementos mais significativos no enredo e que será peça fundamental para que aconteça o discurso que aqui será analisado, é a semelhança entre Adenoid Hynkel e o barbeiro judeu.

O filme aqui citado não é o único de Charles Spencer Chaplin. Ele possui uma vasta e variada obra, passando por dramas e comédias. De origem humilde, fez história por meio de seus filmes, que passavam uma mensagem significativa à sociedade. Edmundo Lobassi (2009, p. 23) diz que “Chaplin fez um cinema que trata de luta de classes, fala da miséria e a associa não à escolha dos indivíduos, mas à injustiça da sociedade”. Essas características citadas por Lobassião realmente notáveis nas obras de Chaplin, principalmente em “O Grande Ditador” e em “Tempos modernos”, que são grandes marcos na história do cinema e em sua carreira. São filmes que possuem discursos pautados na luta de classes, no humanismo e na solidariedade.

Tendo em vista que a Análise do Discurso (AD) se instituiu como uma disciplina que estuda questões relacionadas à política, à ideologia e à história por meio de sua manifestação em textos, faz-se necessário que o momento histórico no qual o discurso foi produzido seja abordado, a fim de contextualizar a pesquisa.

A Segunda Guerra Mundial, ocorrida entre 1939 e 1945, é assim chamada por se referir a um conflito que excedeu o espaço da Europa, continente dos principais países envolvidos. Ademais, foi considerada o maior confronto da história da humanidade. Durante seis anos, houve uma grande quantidade de mortos, cercada 60 milhões de pessoas. Esse confronto ficou definido pela sua condição de guerra total, em que as nações que estavam envolvidas mobilizaram todas as suas reservas para sobreviverem à guerra. O historiador Martin Gilbert (2014) afirma que foi

um dos conflitos mais devastadores da história da humanidade e que não foram apenas milhões de vidas aniquiladas, mas a herança de trabalho, alegria, de luta, de saber e de esperança que deixou de ser transmitida (Cf. GILBERT, 2014). Por mais que tenha havido, e ainda haja esforços para contabilizar o número de mortos, esta será sempre uma tarefa impossível, pois milhares de homens, mulheres e crianças morreram sem que houvesse registro.

No final da guerra, conforme os campos de concentração nazistas eram abertos, havia uma encenação de horror presente, permeado por mortes e atrocidades. Segundo Gilbert (2014, p. 847), “a libertação de prisioneiros seria um momento de choque profundo para os libertadores. Quando chegaram a Mauthausen, as tropas americanas descobriram cerca de dez mil cadáveres”. As cenas de morte que aconteciam nos campos de concentração eram visíveis a muitas pessoas que estavam envolvidas com a violência e até mesmo as que moravam nos arredores. Para que o pânico pudesse dominar e os nazistas conseguissem provocar a morte de tantas pessoas, era necessária uma grande quantidade de envolvidos.

Era sabido que os nazistas contavam com o apoio de grandes massas para cometerem atrocidades com as pessoas, que, para eles, eram tidas como inferiores à raça ariana. Hitler não era o único monstro da guerra, era apenas uma das mentes por trás de toda a barbárie cometida.

A tragédia foi que uma massa crítica da população, desesperada por ordem e respeito, estava ansiosa por seguir o criminoso mais temerário da história. Hitler conseguiu apelar para os seus piores instintos: ressentimento, intolerância, arrogância e, o mais perigoso, um sentimento de superioridade racial. (BEEVOR, 2015, p. 13)

Prisioneiros serviam de cobaia para experimentos desumanos, como a injeção de produtos químicos, cirurgias sem anestesia, objetos estranhos sendo inseridos em seus corpos e até mesmo sendo vivissecados. Em seu livro, Gilbert (2014) conta sobre os horrores praticados pelo professor Hallervordem, neurologista alemão.

O professor Hallervordem removia os cérebros das vítimas a seguir ao seu assassinato. “Havia material maravilhoso naqueles cérebros”, diria ele ao ser interrogado pelos americanos, com “belos casos de atraso mental, má-formação e doenças infantis precoces. (GILBERT, 2014, p. 631)

Em geral, os presos eram obrigados a ficar atulhados em quartos, sem água e comida até não suportarem mais e morrerem por inanição ou por doenças causadas pela falta de higiene e alimentação inadequada. As formas de torturas desumanas e cruéis aplicadas pelos nazistas externa-

vam o ódio sentido por judeus, negros, comunistas, homossexuais etc. De modo geral, praticamente todos os participantes da guerra sofreram em algum grau: uma população amedrontada, jovens perdendo suas vidas ao serem recrutados, mulheres tendo que buscar meios de sobreviverem sozinhas à escassez provocada pela guerra, crianças sendo forçadas a crescerem e deixarem de lado a sua infância. Enfim, é impossível retratar toda a dor e sofrimento gerados nesses anos de guerra, que são considerados os mais terríveis já experimentados pela humanidade.

4. Análise de “O último discurso”

Entendendo a grande importância deste pano de fundo histórico para a construção de sentidos, do filme “O Grande Ditador”, partiremos para a análise de “O último discurso”. Ao final do filme, o barbeiro judeu é confundido com o ditador Hynkel e é forçado a discursar para uma multidão. Apesar de ser a personagem Carlitos quem discursa, é possível identificar que não é ele quem verdadeiramente se pronuncia. O foco dado para a face do ator, a entonação e perceptível emoção na voz, nos diz que é o próprio Chaplin quem fala.

A seguir, transcrevemos o trecho final do filme, objeto de nossa análise.

Sinto muito, mas não pretendo ser um imperador. Não é esse o meu ofício. Não pretendo governar ou conquistar quem quer que seja. Gostaria de ajudar – se possível – judeus, o gentio... negros... brancos.

Todos nós desejamos ajudar uns aos outros. Os seres humanos são assim. Desejamos viver para a felicidade do próximo – não para o seu infortúnio. Por que temos de odiar e desprezar uns aos outros? Neste mundo há espaço para todos. A terra, que é boa e rica, pode prover a todas as nossas necessidades.

O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma dos homens... levantou no mundo as muralhas do ódio... e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido.

A aviação e o rádio aproximaram-nos muito mais. A própria natureza dessas coisas é um apelo eloquente à bondade do homem... um apelo à fra-

ternidade universal... à união de todos nós. Neste mesmo instante a minha voz chega a milhares de pessoas pelo mundo afora... milhões de desesperados, homens, mulheres, crianças... vítimas de um sistema que tortura seres humanos e encarcera inocentes. Aos que me podem ouvir eu digo: “Não desesperéis! A desgraça que tem caído sobre nós não é mais do que o produto da cobiça em agonia... da amargura de homens que temem o avanço do progresso humano. Os homens que odeiam desaparecerão, os ditadores sucumbem e o poder que do povo arrebataram há de retornar ao povo. E assim, enquanto morrem homens, a liberdade nunca perecerá.

Soldados! Não vos entregueis a esses brutais... que vos desprezam... que vos escravizam... que arregimentam as vossas vidas... que ditam os vossos atos, as vossas ideias e os vossos sentimentos! Que vos fazem marchar no mesmo passo, que vos submetem a uma alimentação regrada, que vos tratam como gado humano e que vos utilizam como bucha de canhão! Não sois máquina! Homens é que sois! E com o amor da humanidade em vossas almas! Não odiais! Só odeiam os que não se fazem amar... os que não se fazem amar e os inumanos!

Soldados! Não batalheis pela escravidão! Lutai pela liberdade! No décimo sétimo capítulo de São Lucas está escrito que o Reino de Deus está dentro do homem – não de um só homem ou grupo de homens, mas dos homens todos! Está em vós! Vós, o povo, tendes o poder – o poder de criar máquinas. O poder de criar felicidade! Vós, o povo, tendes o poder de tornar esta vida livre e bela... de fazê-la uma aventura maravilhosa. Portanto – em nome da democracia – usemos desse poder, unamo-nos todos nós. Lutemos por um mundo novo... um mundo bom que a todos assegure o ensejo de trabalho, que dê futuro à mocidade e segurança à velhice.

É pela promessa de tais coisas que desalmados têm subido ao poder. Mas, só mistificam! Não cumprem o que prometem. Jamais o cumprirão! Os ditadores liberam-se, porém escravizam o povo. Lutemos agora para libertar o mundo, abater as fronteiras nacionais, dar fim à ganância, ao ódio e à prepotência. Lutemos por um mundo de razão, um mundo em que a ciência e o progresso conduzam à ventura de todos nós. Soldados, em nome da democracia, unamo-nos! (O Grande Ditador, 1940)

De um ponto de vista estilístico, o discurso da personagem é tecido por contrastes, isto é, o autor se utiliza de recursos linguísticos para expor diversos contrapontos, fazendo assim, uma leitura sobre o que seria um mundo ideal e sobre o que afastava a sociedade de tal objetivo. Vejamos alguns exemplos.

Todos nós desejamos ajudar uns aos outros. Os seres humanos são assim. Desejamos viver para a felicidade do próximo – não para o seu infortúnio. (O Grande Ditador, 1940)

Neste trecho, Chaplin segue a mesma linha de raciocínio do filósofo Jean-Jacques Rousseau, ou seja, de que o homem é bom em sua essência, que é natural do ser humano compreender, sofrer com os sofrimentos.

mentos dos demais e cuidar do bem-estar do próximo. Esta ideia é retomada no trecho “só odeiam os que não se fazem amar... os que não se fazem amar e os inumanos!” (“O Grande Ditador”). Sendo assim, ele inicia o discurso mostrando que o homem não é o que a guerra, a ganância e o ódio o fizeram se tornar.

O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma dos homens... levantou no mundo as muralhas do ódio... e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. (O Grande Ditador, 1940)

Novamente ele chama a atenção dos seus interlocutores para que haja um reajuste de rota a fim de lembrar que há um lugar de paz e liberdade para onde pode-se voltar. Chaplin usa da figura de linguagem ao dizer que a cobiça envenenou a alma dos homens, pois entende-se que o veneno é que destrói e provoca a morte dos seres vivos. Por causa desse veneno, a humanidade estava marchando, assim como os militares faziam em seus desfiles, rumo à miséria e ao massacre. É possível também tratar esse trecho como uma previsão do que estava por vir, a marcha da morte, fato que aconteceu ao final da guerra, quando milhares de judeus tiveram que percorrer grandes distâncias entre um campo de concentração e outro, fazendo com que muitos morressem no caminho, tornando o plano genocida de Hitler, eficaz.

Neste mesmo instante a minha voz chega a milhares de pessoas pelo mundo afora... milhões de desesperados, homens, mulheres, crianças... vítimas de um sistema que tortura seres humanos e encarcera inocentes. Aos que me podem ouvir eu digo: “Não desespereis!”. (O Grande Ditador, 1940)

Em um tempo tão tenso em que o mundo se encontrava, de intenso conflito, esperava-se o pronunciamento de uma figura pública como ele. Nesse sentido, pode-se dizer que Charles Chaplin se aproveitou para usar seu poder de fala, em seu primeiro filme falado, não apenas denunciando a situação que a população mundial estava enfrentando, vítimas de um regime ditatorial, mas também, posicionando-se em relação a este contexto de guerra, em uma fala permeada de fraternidade, esperança, amor e respeito. De fato, sua voz alcançou e ainda alcança milhões, mesmo depois de tantos anos, fazendo com que repensemos as nossas condutas em relação ao outro.

Na tabela exposta abaixo há uma relação de contrapontos, sendo divididos entre as características inerentes à natureza humana e as que são geradas quando o homem se desvia de sua humanidade, deixando-se guiar pela cobiça, tornando-se como máquinas insensíveis à dor do outro.

Ao analisarmos a tabela, percebemos que as características próprias do eixo “máquina” são as que tanto afloraram durante o período de guerra. Isso nos mostra mais uma vez que o discurso está atrelado ao seu contexto histórico, social e político.

Figura 1. Tabela de contrapontos.

HUMANIDADE	MAQUINA
FELICIDADE	INFORTUNIO
BONDADE	MURALHAS DO ÓDIO
GENTILEZA	SOFRIMENTO
PROGRESSO	VIOLÊNCIA
LIBERDADE	ESCRavidão
AMOR	ÓDIO
DEMOCRACIA	DITADURA

Nos momentos finais do discurso, ele diz que o povo é quem detém o poder, tanto o de criar máquinas quanto o de criar felicidade e tornar a vida livre e bela. Diante disso, Chaplin convoca o povo a se unir e lutar por um novo mundo, em que a democracia, a razão, a ciência e o progresso sejam os condutores. No discurso, Chaplin deixa claro que é inerente ao homem, ou seja, à sua humanidade, a defesa da democracia, da liberdade e da igualdade, sendo assim, a busca por um mundo melhor não deve ser de alguns, mas de todos. Ao convidar à ação, ele estende o convite a si mesmo, pois em seu livro, uma de suas falas é a seguinte: “se pudesse ter imaginado que o nazismo viria a atingir tamanho grau de crueldade homicida, não teria feito uma sátira sobre Hitler, mas o teria atacado de forma frontal” (CHAPLIN *apud* LOBASSI, 2009, p. 69).

O sujeito é interpelado pela ideologia do lugar social de onde fala, e o discurso possui sua própria historicidade e memória; carrega consigo representações e posicionamentos que surgem novamente, reformulados, em distintos momentos da história. Sabendo disso, é possível concluir, que no discurso analisado, Chaplin representa, discursivamente, sua ideologia, além de usar a arte como um meio de crítica, luta política e social. Everton Luís Sanches (2012, p. 144) explica que “Charles Spencer Chaplin não soube articular devidamente um discurso político; entretanto, conseguiu agir de forma politizada, defendendo suas posturas e interesses pessoais”.

5. Considerações finais

Ao lermos esse discurso humanitário, somos chamados a revisitar nossas memórias tanto sobre as condutas da humanidade no decorrer da história, quanto sobre fatos que permearam tal momento histórico. Houve numerosas tentativas de apagar os vestígios da guerra, com assassinatos em massa, queima de arquivos etc. Com o passar dos anos, a memória do conflito foi absorvida e coberta por um tempo de normalidade do cotidiano. No entanto, mesmo após tantos anos, a memória discursiva da Segunda Guerra persiste e ainda alimenta discussões e polêmicas, sendo objeto de pesquisas e de discursos representados no debate público atual, notadamente na esfera político-midiática, em que termos como “nazista”, “fascista”, “genocida”, entre outros, fazem sua aparição.

Ao buscarmos construir sentido no discurso, passamos a significar a nós mesmos com os sentidos que foram construídos ao longo da história. Entremeando um discurso antigo ao nosso contexto, tornando-o atual, geramos em nós sentimentos de união, bondade e respeito, pois apesar de não estarmos em tempos de guerra, a humanidade ainda se encontra envenenada pelo preconceito, falta de empatia e desunião. É necessário lembrar que sempre podemos ajustar as nossas atitudes a fim de vivermos em mundo melhor, assim como Chaplin mostrou por meio do seu discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEEVOR, Antony. *A Segunda Guerra Mundial*. Trad. de Cristina Cavalvanti. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

BRANDÃO, Helena, H. M. *Analisando o discurso*. Museu da Língua Portuguesa. [s.d.]

CHAPLIN, Charles. *Minha vida*. Trad. de Rachel de Queiroz, R. Magalhães Júnior e Genolino Amado. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

FACINI, Diogo Rossi Ambiel. Discursos na história, discursos sobre a história: uma reflexão sobre “O grande ditador” e “Monsieur Verdoux”. *Revista Travessias*, v. 11, n. 2, p. 203-22, Cascavel, maio/ago., 2017.

GILBERT, Martin. *A Segunda Guerra Mundial: Os 2174 dias que mudaram o mundo*. Trad. de Ana Luísa Faria, Miguel Serras Ferreira. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

LOBASSI, Edmundo Washington. *A Morte de Carlitos: O Grande Ditador – um marco entre o cinema mudo e falado do diretor Charles Spencer Chaplin*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Mestrado em Comunicação, Universidade Anhebi Morumbi, São Paulo. 2009. 77f.

LUZ, Marcelo Giovannetti Ferreira. A Individuação do povo pelas diferentes formas de poder: A relação Estado–Povo no fio do discurso. *Entremeios: revista de estudos do discurso*, 6 jan 2013. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br>.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas-SP: Pontes, 2001.

PECHÊUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas-SP: Pontes, 1990.

SANCHES, Everton Luís. *Charles Chaplin: Confrontos e Intersecções com seu tempo*. Jundiaí: Paco, 2012.

SILVA, Iury Matheus Costa; SALVADOR, Lilian das Mercês. Ideologia Chaplin: Análise do discurso humanitário e sátiro no filme *The Great Dictator*. *Revista Livre de Cinema*, v. 5, p. 51-71, Campina Grande, maio 2018.

Outra fonte: FILMOGRAFIA

The Great Dictator (1940), Spencer Chaplin.